

UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE DA RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

Resultado de Investigação Finalizada

Grupo de Trabalho 21 – Sociologia na Religião

Jaqueline Vilas Boas Talga
Universidade Federal de Uberlândia
jtalga@yahoo.com.br

Resumo:

Neste relato compartilhamos as impressões, sensações, falas dos sujeitos envolvidos e os registros fotográficos realizados nos dezenove terreiros das religiosidades de matriz africana, em cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, entre eles casas de Candomblés e Umbandas. Todos participaram do projeto de extensão “Por que tanto preconceito: o cotidiano das religiosidades de matriz africana”, que procura contribuir para a valorização, divulgação e compreensão dessas formas de adorar o sagrado. Nessas trajetórias de idas a campo encontramos uma considerável quantidade de terreiros existentes na região e uma rica diversidade entre eles, tanto na estrutura do espaço religioso, da organização do culto quanto das práticas religiosas.

Palavras-chaves: religiosidades de matriz africana; diversidade religiosa; registros fotográficos.

Introdução

[...] nunca se deve generalizar, pois não há uma única África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as religiões e todas as etnias. Existindo grandes constantes (a presença do sagrado em todas as coisas, a relação entre os vivos e os mortos, o sentido comunitário, o respeito religioso pela mãe, etc), mas também há numerosas diferenças: deuses, símbolos sagrados, proibições religiosas e costumes sociais delas resultantes variam de uma religião a outra; de uma etnia a outra; às vezes, de aldeia para aldeia.
Amadou Hampâté Bâ (2003)

As religiosidades de matriz africana, como os Candomblés¹ e Umbandas se encontram presentes em todo o território brasileiro, seu modo de “adorar” o sagrado extrapola o espaço físico dos terreiros, que pode ser observado em receitas culinárias, como na utilização do óleo de dendê em muitos pratos, no vestuário, nas músicas, e, principalmente em letras de compositores e cantores como: Maria Bethânia, Caetano Veloso, além de expressar línguas africanas, entre outros. Nesse sentido, seus adeptos podem ‘bater no peito’ e se orgulhar de seguirem uma religião que possui vários de seus elementos presentes na cultura brasileira.

Porém, mesmo existindo na atualidade uma considerável gama de estudos acadêmicos voltados para essa temática, de maneira geral, esse diversificado e rico universo é pouco conhecido, ou melhor, é conhecido, porém de forma amplamente distorcida, demonizada e para o horror dos antropólogos, classificada como uma religião única, esvaziada da diversidade que as constituem.

¹Usamos Candomblé com letra maiúscula ao fazer referência ao Candomblé enquanto religiosidade de matriz africana de modo amplo, de acordo com a metodologia adotada por Vagner Gonçalves Silva (1995), em **Orixás na metrópole**.

As distorções e o ódio alimentado por outros seguimentos religiosos tem resultado em vários casos de perseguições aos adeptos das religiosidades de matriz africana, que se verificam nos locais de trabalho ou na rua e, até na destruição de terreiros² em algumas cidades do Brasil. Como mostra a reportagem de setembro de 2012, do jornal Brasil de Fato, na qual temos:

Ameaça à liberdade de culto. Religiosos afrobrasileiros têm sido alvo de perseguição. Motivados por preconceito contra as religiões de matriz africana, fiéis de igrejas evangélicas neopentecostais invadiram e destruíram sete terreiros em Pernambuco desde julho. Para especialista, a intolerância é fruto de desconhecimento e é incentivada por líderes religiosos em rádios e TVs. (NAVARRO, 2012, p. 4-5).

Diante dessas e outras constatações e das nossas inquietações, procuramos contribuir a partir da extensão, mesmo que pontualmente, para a mudança desse cenário estereotipado e ausente de legitimidade nos quais se encontram as religiosidades afro-brasileiras.

Seguindo as contribuições do educador Paulo Freire (1983), que ainda na década de sessenta já alertava quanto aos conceitos antagônicos de extensão e comunicação. Para ele a ação do educador, aqui no caso do pesquisador, não deve admitir somente uma voz, mas estimular à transmissão e distribuição de conhecimento que possibilite múltiplas vozes entre os sujeitos, que gere a independência e autonomia dos sujeitos; sendo algo concreto e abstrato, inserido na realidade histórica das sociedades. Nesse sentido, entendemos a extensão de tal maneira que a comunicação engloba uma troca de saberes, na qual não se leva, mas compartilham-se saberes, conhecimentos, compreendendo os sujeitos enquanto portadores de saberes, capazes de transformar a realidade em que vivem e não como “coisas”, vazios de qualquer conhecimento.

Desse modo, elaboramos o projeto de extensão³ “Por que tanto preconceito: o cotidiano da religiosidade de matriz africana”, que em seu desfecho teve a realização de exposições fotográficas no formato de *banners*, em que apresentamos parte dos registros fotográficos realizados nas visitas aos dezenove terreiros das três cidades contempladas pelo projeto (Uberlândia, Ituiutaba e Monte Carmelo, no estado de Minas Gerais).

Após a aprovação do projeto na seleção do programa institucional de extensão da Universidade, para capacitação da equipe de pesquisa realizamos um minicurso aberto a toda a comunidade interna e externa à academia, intitulado: “Um diálogo com a religiosidade de matriz africana”. Além de promover a formação continuada da equipe executora do projeto esse espaço possibilitou trocas de informações e para muitos um primeiro contato com a diversidade religiosa afro-brasileira.

Em seguida passamos a realização do mapeamento dos terreiros, e principalmente de pessoas que poderiam nos auxiliar no encontro desses espaços, pois, além de encontrar os terreiros procuramos estabelecer a escolha das casas que seriam visitadas e retratadas, a partir de uma maior diversidade de cultos. Assim, no decorrer do texto compartilhamos as principais diferenciações teóricas e práticas encontradas nos terreiros contemplados pelo projeto, juntamente com parte dos registros fotográficos registrados durante as idas a campo. É importante resaltar que todos os registros fotográficos

²Terreiros, casas, centros, barracões, *ilês*, designam os nomes dos espaços físicos das religiosidades de matriz africana, no Brasil.

³O projeto de extensão está vinculado a Pró-reitora de Extensão e Assuntos Estudantis e ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenado pela discente Jaqueline Vilas Boas Talga (mestranda em Ciências Sociais) e pela docente Marili Peres Junqueira (Doutora em Ciências Sociais); a estagiária Vanesca Tomé Paulino (graduanda em Ciências Sociais) e auxiliando na preparação das imagens e arte final Solange Inês Engelmann (jornalista e mestranda em Ciências Sociais).

compartilhados neste trabalho possuem autorização prévia dos sujeitos envolvidos, no caso: os pais e mães de santo, para sua utilização e divulgação pelas pesquisadoras.

As diversidades presentes nas religiosidades de matriz africana pesquisadas

Os primeiros entraves para a realização do projeto, não foram somente a necessidade em descobrir, entrar em contato e mapear os terreiros, mas também encontrar quem financiaria e acreditaria no projeto, por tanto, a primeira barreira está no nível burocrático institucional e financeiro. A ideia e o projeto do que fazer já existia, mas necessitávamos do aporte econômico e institucional legitimado. Conquistado este patamar com o apoio imprescindível da professora em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, Marili Peres Junqueira ao aceitar essa responsabilidade, partimos para os contatos iniciais, a partir dos laços já estabelecidos em outros momentos de estudo, de manifestações políticas e culturais.

Na cidade de Monte Carmelo (MG)⁴, tivemos o auxílio fundamental dos familiares da estagiaria integrante de projeto de extensão, desde a hospedagem, refeições na casa de sua tia, até o auxílio de sua prima, estudante do curso de direito e sua amiga trabalhadora doméstica, que nos acompanharam nas duas idas a campo que realizamos na cidade. Percebemos que elas conheciam praticamente todos os zeladores (as) e terreiros.

Algo que chamou nossa atenção na cidade de Monte Carmelo foi o alto número de terreiros de Umbanda existentes, ao mesmo tempo em que encontramos apenas uma de Candomblé e algumas de Quimbanda⁵ (nenhum deles retornou aos nossos contatos). No início do mapeamento, a princípio alguns moradores e ex-moradores disseram que na cidade não existia esse tipo de religiosidade, e que encontraríamos apenas alguns benzedores e centros espíritas Kardecistas.

Ao chegar à cidade de Ituiutaba (MG)⁶, primeiramente estabelecemos contato com um religioso que se encontrava na tentativa de articular a criação de uma organização em defesa dos religiosos de matriz afro no município, devido as discriminações constantes sentidas pelos adeptos, as quais quase haviam provocado o fechamento do terreiro de Umbanda de sua esposa, por parte do poder público local. O terreiro do qual o religioso pertence, a princípio participaria de nosso projeto, porém em um segundo momento devido à mensagem do mentor espiritual da casa, nos foi negada a intervenção nesse espaço. Entretanto o religioso nos auxiliou plenamente, indicando outros terreiros, nos quais efetivamos o trabalho.

Nesse sentido, a partir do primeiro contato na cidade, percebemos a existência de um grande número de terreiros de Umbanda e alguns de Candomblé. Nas visitas pudemos observar que nas casas de Candomblé, mesmo nos casos em que a casa “toque”, realize “trabalhos” e cerimônias

⁴Monte Carmelo possui 45.799 mil habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010).

⁵Luiz Mott em sua palestra durante o IX Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia em Salvador, em agosto de 2011, apresenta duas versões opostas de concepção da Quimbanda, em uma ela é vista enquanto *viado* em Angola e na outra enquanto *diabo* no Brasil. Isso porque foram encontrados no continente africano mulheres e homens com trajes culturalmente compreendidos como femininos, que além de outras coisas eram sacerdotes, dominam as práticas da adivinhação e cura. Devido ao tráfico de pessoas para fins escravistas vieram para o Brasil e aqui continuaram com parte de suas atividades mágico religiosas, concebida enquanto feitiçaria aos olhos dos europeus. Sua transfiguração para diabo no Brasil se deve a princípio a uma denominação externa promovida pela visão eurocêntrica do mundo da época, e que em um segundo momento, parte foi apropriada pelos próprios seguidores, a classificando enquanto a linha de esquerda em contraposição a entidades cultuadas na linha da direita, a Umbanda e a Quimbanda, o bem e o mal, dentro de uma classificação dualista.

⁶Ituiutaba (MG) conta com uma população de 97.159 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE (2010).

prioritariamente relacionados à Umbanda, o zelador se posiciona exclusivamente enquanto do Candomblé. O fato de existirem no mesmo espaço momentos e elementos de cultos classificados por muitos enquanto distinto⁷ é verificado, principalmente pela trajetória de vida dos religiosos na nossa região, a grande maioria conheceu as religiosidades de matriz africana, a princípio pela Umbanda e posteriormente para o Candomblé, devido a recente chegada dos Candomblé na região sudeste.

Já na cidade de Uberlândia (MG)⁸, segundo informações da Aliança das Religiões de Matriz Afro-ameríndia (ARMAFRA) são encontradas, em torno de quatrocentos terreiros da religiosidade de matriz afro. Desse montante também percebemos a prevalência das casas de Umbanda, ao mesmo tempo em que se constata um relativo aumento, principalmente nos últimos quinze anos, dos terreiros de Candomblé. Via de regra, verificamos na cidade de Uberlândia o mesmo movimento identificado por Reginaldo (1991) em São Paulo, no qual muitos dos umbandistas passaram para o Candomblé, onde estabelecem outras modalidades de culto sem abandonar totalmente elementos anteriores. Assim verificamos a manutenção, geralmente (re)elaborada das sessões próprias da Umbanda dentro de um terreiro de Candomblé, como por exemplo, antes de iniciar os “trabalhos” da Umbanda, alguns zeladores fazem o *xirê*, que é um ritual com cantigas e danças próprias do Candomblé.

A partir dos contatos estabelecidos anteriormente ora por pertencer a esse campo religioso, participar de manifestações e articulações educacionais e políticas, como a Caminhada Pela Liberdade Religiosa, que ocorre no Rio de Janeiro desde 2008 e das Conferências Municipais Pela Promoção Da Igualdade Racial, entre outros. Mapeamos e selecionamos os terreiros procurando contemplar a diversidade religiosa existente no município. Identificamos assim, casas de Umbandas, de Candomblés Jeje, Ketu, Angola e Omolokô. Do mesmo modo como nas outras cidades, também identificamos a existência de casas de Quimbanda, porém estabelecer o contato e ser aceito foi algo que não se efetivou em nosso trabalho.

Antes de apresentarmos o mapeamento realizado, cabe aqui diferenciar sucintamente o Candomblé da Umbanda, faremos o esforço de explicar de modo simples e didático as distinções entre essas duas religiosidades. Distinções estas que perpassam não só o campo do ritual, mas em alguns momentos também o campo da fé e da subjetividade. O Candomblé cultua os ancestrais (e ou as energias no caso do Omoloko) enquanto elementos da natureza, e também na personificação terrena deste, a saber, na manifestação dos Orixás (Nação Ketu), Inquinces (Nação Angola) e Voduns (Nação Jeje). Por vezes, os ancestrais também se manifestam por intermédio dos erês e caboclos, sendo que seus rituais envolvem o sacrifício de animais, existindo ainda o jogo de búzios, ebós, com cantigas nas línguas africanas correspondentes as nações. Já a Umbanda, detentora de um maior sincretismo com os elementos típicos das religiões europeias e ameríndias, cultuam os Orixás de modo distinto do Candomblé, além de cultuar os caboclos, pretos velhos, erês, exus, marinheiros, ciganos, entre outras entidades que fazem referência aos ancestrais característicos do território brasileiro. Outra distinção é que os pais/mães de santo, bem como os adeptos que recebem, ou seja, manifestam em seus corpos as energias das entidades, dão consultas (denominadas passes), receitam chás e banhos com diferentes ervas, entre outras atividades.

Temos nos Candomblés a diferenciação dos cultos, rituais, cantigas, da língua e outros elementos, a partir dos grupos africanos provenientes de cada uma das denominadas nações que no Brasil irão ser (re)elaboradas mediante as situações econômicas, culturais, históricas, do tráfico negreiro e do sistema escravista, inclusive na sua forma de adorar o sagrado (PARÉS, 2006). Encontramos em todas as nações uma lógica, referente à existência dos ancestrais (que podem ou não

⁷Segundo PRANDI (1991) dependo da maneira como os primeiros cientistas tivessem classificado a Umbanda, ela poderia ser percebida como um tipo de Candomblé.

⁸Uberlândia (MG) conta com uma população de 600.285 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE (2010).

ter existido, relacionados a elementos da natureza, como rocha, rio, planta, árvore) que irá intermediar a ligação com o que podemos denominar como o “Deus Maior”. Segue a exemplificação na tabela abaixo:

Tabela 1 - Relação de cada nação dos Candomblés com o ancestral e o “Deus Maior”.

Nação	Nome do Ancestral	Nome do “Deus Maior”
Jeje	Vodum	Mawu
Ketu	Orixá	Olorun
Bantu (Angola)	Nkisi	Zambi

Fonte: Relatos obtidos a partir de religiosos durante as idas a campo do projeto de extensão.

Panorama dos Candomblés e Umbandas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

Procuramos aqui compartilhar alguns elementos que demonstram as diversas formas de cultuar o “sagrado” em cinco dos dezenove terreiros de Candomblé e Umbanda que participaram do projeto. Para tanto, primeiramente consideramos de fundamental importância informar que todos os registros fotográficos aqui compartilhados foram previamente autorizados, por escrito para a divulgação, pelas mães e pães de santo das casas envolvidas no projeto de extensão. Todos os registros foram verificados e liberados por eles: desde os locais permitidos para a realização até as imagens a serem utilizadas para a exposição e demais trabalhos que as pesquisadoras envolvidas viessem a realizar.

Figura 1 – Foto de membros em casa de Candomblé Nação Ketu.



Fonte: Acervo dos autores.

Ilê Alaketu Axê Iji Aye

(Casa de Alaketu e do Rei do Mundo)

Data de inauguração no Candomblé:
14/01/2012

Local: Monte Carmelo – MG

Zeladora: Yalorixá Eleida D’Obaluaê

Durante a pesquisa essa foi a única casa de Candomblé que encontramos na cidade de Monte Carmelo (ver Figura 1). Desde o primeiro momento fomos muito bem recebidas pela zeladora que se mostrou satisfeita com as intenções do projeto,

nos apresentou toda a casa e contou sua estória dentro da religiosidade. Encontramos uma casa bem estruturada, com seus quartos de santo, barracão, ervas, assentamentos e Axés plantados. Organizada a partir dos valores e princípios hierárquicos do Candomblé, desde a vestimenta até os preceitos.

A zeladora da casa também se disponibilizou para auxiliar em nosso projeto, vindo a ser uma das palestrantes do minicurso, intitulado: “Um diálogo com as religiosidades de matriz africana”, realizado para formação da equipe, que foi aberto à comunidade (conforme já mencionado acima). Ela também participou ativamente durante o lançamento da exposição fotográfica no Espaço Cultural da Secretária Municipal de Cultura de Monte Carmelo, em dezembro de 2012, ocasião na qual preparou

um vasto banquete com comidas típicas de terreiro. Além dos seus filhos e filhas de santo também participaram do evento as lideranças de outras casas.

Figura 2 – Foto de elementos sagrados em casa de Candomblé Nação Jeje.



Fonte: Acervo dos autores.

Hunkpámè Séja Hùn Atikògbé

(Casa Onde os Espíritos das Árvores São Felizes)

Data de fundação: 25/05/2006

Zelador: Hugbono Adjahunsi

Local: Uberlândia – MG

O segundo registro fotográfico corresponde a uma das duas casas de Candomblé Jeje existentes na cidade de Uberlândia (ver Figura 2) e está localizada no setor de chácaras, distante 15 km do centro comercial. Na visita fomos muito bem recebidas pelo zelador Hugbono Adjahunsi e sua irmã, ambos vivem no local. A casa apresenta um espaço muito agradável, colorido, repleto de árvores, plantas, água, pássaros, assentamentos dos ancestrais e significados.

O zelador explicou que apesar dos ancestrais em cada uma das nações (Angola, Ketu e Jeje) possuírem equivalências, uma das principais diferenças que notamos no terreiro foi a ausência do círculo durante as danças e os Voduns, que ao se manifestarem em terra por meio do corpo de algum adepto eles geralmente também conversam com as pessoas, dão o que podemos chamar de passe, fazendo o uso de perfumes, entre outros.

Figura 3 – Foto de saída de iaô em Candomblé Nação Ketu.



Ilê Alaketu Ijobá Asè Sango

(Casa de Ketu cujas forças são de Xangô)

Data de fundação: em torno 2006.

Local: Uberlândia – MG

Zelador: Babalorixá Gilberto de Baru

Na terceira imagem (ver Figura 3) compartilhamos a

comemoração da festa de saída de santo em uma casa de Candomblé de nação Ketu, a iaô (nome dado aos fiéis recém iniciados). O registro mostra o momento no qual a jovem recém iniciada “bate cabeça” (nome dado a maneira de cumprimentar respeitosamente pessoas e locais sagrados) durante sua primeira saída na sala. Na festa a iaô é apresentada à comunidade religiosa em seu novo *status*, agora de iniciada, ainda com a cabeça raspada, legitimando assim sua pertença ao grupo.

Nesta casa nosso projeto foi muito bem acolhidos pelo zelador, Babalorixá Gilberto de Barú, que na ocasião em que realizamos a observação de campo, durante a festa anual para seu Exu, nos concedeu um certificado da sua casa oferecido para pessoas que auxiliam na divulgação e valorização das religiosidades de matriz africana. Percebemos nele uma pessoa sempre muito prestativa e rígida com seus filhos e filhas, demonstrando que em sua casa tudo passa severamente pelo seu crivo.

Com exceção das casas de Candomblé da Nação Jeje, todas as casas que participaram do projeto e se alto denominam pertencentes ao Candomblé também realizam semanalmente sessões próprias da Umbanda, com algumas leves distinções. Tal fato é muito comum, segundo Reginaldo Prandi (1991), que ao estudar os Candomblés de São Paulo percebe-se que essa é uma característica que se deve ao movimento de saída dos religiosos da Umbanda e entrada no Candomblé; todavia ao fazer essa passagem levam consigo muito dos elementos significativos próprios da religiosidade anterior para a nova. Não se trata de ser algo impuro, segundo afirmam alguns autores, mas dos fiéis carregarem, transporem alguns elementos distintos ao longo de suas trajetórias religiosas, ampliando para um leque maior de possibilidades.

Figura 4 – Foto de zelador diante do altar em casa de Umbanda.



Casa Espírita de Ogum, Caboclo Pena Branca.
 Fundação: 1980
 Local: Ituiutaba – MG
 Zelador: Pai Reinor de Ogum

Fonte: Acervo dos autores.

Na visita à casa representada no quarto registro fotográfico (ver Figura 4), logo na chegada percebemos que o zelador Pai Reinor está em outro momento, inserido em um tempo que reflete tranquilidade, harmonia e muita sabedoria. O centro se encontra ao lado de sua residência, com entrada

independente.

Fomos recebidos por ele e sua esposa, que nos relatou sua trajetória na religiosidade até construir seu centro, além de apresentar todo o espaço e explicar o significado de cada local. A fotografia do altar desse terreiro apresenta um panorama geral das entidades cultuadas na casa, em que é possível perceber a existência de um policulturalismo de elementos e símbolos (santos católicos, entidades africanas, escritos e desenhos), algo muito comum nas Umbandas.

O que nos chamou muita atenção foi à existência de um quarto com uma cama no local, que é utilizado para as sessões de cura do caboclo Pena Branca e uma pequena biblioteca do zelador, o qual

recomenda algumas leituras aos que frequentam a casa, da mesma forma que também nos recomendou, para uma melhor compreensão das religiosidades de matriz africana.

Durante o lançamento da exposição fotográfica realizada em março de 2013, na UFU-campus Pontal, na cidade de Ituiutaba, Pai Reinor participou da mesa de abertura do evento, juntamente com o religioso Carlos e Tatá Marildo. Na ocasião cada zelador compartilhou suas trajetórias e visões religiosas de mundo. O debate expôs que mesmo pertencendo à mesma matriz religiosa, também se verifica uma diversidade muito grande em cada casa, pois além das distinções provocadas pela existência de deferentes nações, entre os Candomblés e as Umbandas, a própria personalidade de cada zelador irá moldar a essência da casa.

Figura 5 – Foto casa de Omoloko de Tata Inkice Utakao.



Fonte: Acervo dos autores.

Centro de Filantropia Espiritual e Material Irmãos do Arco Íris.
Fundação: 1991
Local: Uberlândia-MG
Zelador: *Tata Inkice Utakao*
(Tata Davi).

No contato com esta casa (ver Figura 5), localizada em Uberlândia, percebemos que o zelador é muito respeitado tanto entre a comunidade religiosa

quanto pela sociedade em geral. Sua casa é uma das que possuem o maior número de fiéis. Algo interessante encontrado no local é a existência de vários pais e mães de santo, alguns de seus filhos e filhas mais velhos se tornaram tatetos (pais) e mametos (mães) de santo e todos convivem no mesmo espaço. O que se distingue da maioria dos outros terreiros, onde existe apenas um zelador que está à frente e realiza todos os processos iniciativos, comanda as sessões, os rituais, e outros.

Segundo o Pai Davi Araujo, zelador da casa de Omoloko de Tata Inkice Utakao, o Omolokô é um culto de origem Nagô, cuja palavra significa OMO=nascido e LOKÔ= natureza (árvore). Em resumo, o Omolokô é o culto do homem com a natureza, ou seja, com suas origens, seu poder criador. Representa uma explicação da criação de tudo, com traços da cultura muçulmana: os quatro ós (O O O O), significam os quatro elementos responsáveis pela existência de vida no planeta: TERRA, ÁR, ÁGUA E FOGO; as letras: M L K, significam as iniciais das culturas, MALÊS (Muçulmanos ou Muçurumins), Povo de LUNDA e nação de KIOKO.

Por meio do projeto de extensão “Por que tanto preconceito: o cotidiano das religiosidades de matriz africana”, nossa angústia na busca por estreitar os laços entre universidade e os sujeitos pertencentes às religiosidades de matriz africana, portadores de outros saberes, foram amenizadas.

Das idas a campo, contamos com a colaboração de zeladores e zeladoras que abriram as portas de seus terreiros, compartilhando conosco um pouco de suas trajetórias na religiosidade e dos registros fotográficos do cotidiano das casas de Candomblé e Umbanda, em Monte Carmelo, Ituiutaba e Uberlândia, além das mesas redondas com debates, que antecederam duas das três exposições fotográficas abertas ao público em geral.

Diante disso, acreditamos que, de fato, o projeto contribuiu para a divulgação e valorização da realidade concreta dos sujeitos envolvidos, direta e indiretamente, nessa matriz religiosa, configurando-se como uma importante bandeira de luta pela liberdade religiosa

Consideramos que o projeto ampliou o conhecimento das diferentes formas de sentir o sagrado, a muito perseguidas e desconhecidas, que precisam ser respeitadas. Mas para isso, antes é necessário que a população conheça melhor as religiosidades de matriz africana, sendo essa a preocupação central do projeto.

Buscamos compartilhar e divulgar a diversidade dos rituais religiosos presentes no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, contribuindo, desse modo, para um maior conhecimento sobre essa realidade, por parte da comunidade acadêmica e da sociedade em geral, principalmente por meio dos registros fotográficos – uma das linguagens mais acessíveis a todas as faixas etárias e níveis de escolaridade.

Portanto, a proposta visou contribuir para a diminuição do preconceito para com as religiosidades de matriz africana, algo que, na atualidade, apresenta-se como uma necessidade não só brasileira, mas mundial.

Finalizando nossas conclusões, mas não a temática em questão, consideramos que as práticas acadêmicas precisam voltar-se para a busca de conhecimentos e compreensão sobre o diferente e o novo, além de defender a liberdade de expressão dos oprimidos e subjugados por suas crenças, atitudes, performances e ações na realidade social; seja no campo da liberdade religiosa, sexual, lutas sociais por terra e moradia ou em outros campos de atuação, que por vezes, são discriminados, antes mesmo de serem conhecidos a fundo.

Referências

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel**, o menino fula. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003.

FREIRE. Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_minas_gerais.pdf>. Acesso: 05 abr. 2013.

NAVARRO, Cristiano. Ameaça a liberdade de culto. **Jornal Brasil de Fato**. Ano 10, n. 498. São Paulo, de 13 a 19 de setembro de 2012, p. 4 e 5.

MOTT, Luiz. **De viado em Angola a diabo no Brasil**. Conferência realizada no IX Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia em Salvador, agosto de 2011.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas, SP: EdUnicamp, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: HUCITEC / EdUSP, 1991.

SILVA, Vagner Gonçalves da Orixás da Metrópole. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.